# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

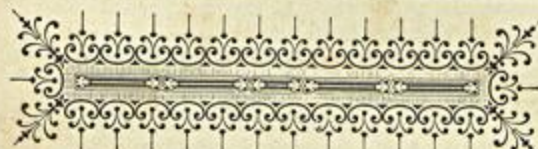
| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).. | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 426

21 DE OUTUBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente organisou-se o ministerio.

Não se pode dizer que fosse sem tempo.

No dia 16 de setembro o ministerio regenerador pediu a sua demissão e apenas no dia 14 de outubro appareceram no *Diario do Governo* os decretos nomeando os ministros que lhe succediam no poder.

Perto d'um mez durou essa crise phenomenal, uma crise que poucos paizes se podem gabar de ter nos seus annaes politicos.

São conhecidas de toda a gente as variadas peripecias que se deram durante essa longa crise: não as commentamos aqui por causa da abstenção que sempre nos temos imposto de não discutir politica, e mesmo porque precisamente essas peripecias vergonhosas, mesquinhas e que deram em triste espectaculo ao estrangeiro a ridicula e pequenina politica portugueza, com todos os seus defeitos grotescos de politica sertaneja e com todo o seu facciosissimo impudente e perigosissimo, de interesses pessoaes e partidarios, justificam mais do que nunca essa abstenção.

E nem mesmo fallariamos do novo ministerio, se o seu apparecimento depois de tão demorada e laboriosa gestação, não tivesse feito d'elle o oconteciment culminante da vida portugueza n'estes ultimos dias, e se a entrada n'esse ministerio de dois homens novos no governo e de quem ha muitos annos presamos tanto o nobre e alevantado caracter, como admiramos o extraordinario e brilhante talento, não nos impozesse o dever de saudar a sua ascenção ás eminencias do poder.

Esses dois homens são Antonio Candido e Antonio Ennes.

Eu não sei o que esses dois espiritos privilegiados da nossa terra, tão gloriosos, um na tribuna outro na imprensa, tão notavel e brilhantemente collocados de ha muito no primeiro plano do nosso mundo litterario pelos seus trabalhos importantissimos e pelos seus assignalados triumphos, eu não sei o que elles farão no poder; mas o que sei, o que posso garantir é que não hão de fazer nada que seja menos justo, menos digno, menos honrado, e que no dia em que virem que para governar teem que transigir com a sua consciencia, deixarão immediatamente as cadeiras do governo.

Antonio Candido e Antonio Ennes não são só dois grandes talentos — são tambem dois grandes caracteres, e é de caracteres que está muito necessitado o nosso mundo politico.

Nem um nem outro entram no governo para satisfação d'uma vaidade trevial; ministros d'estado tem havido muitos no nosso paiz, fervilham por ahi a cada canto — oradores como Antonio Candido, escriptores como Antonio Ennes são raros na nossa terra, marcam logar saliente na sociedade contemporanea.

Se elles acceitaram n'este momento difficil da nossa historia logar diregente na politica portugueza, não foi pela simples e ridicula ambição de passeiarem a seu lado um correio de ministros pelas ruas de Lisboa: foi porque entenderam que tem a fazer alguma coisa de util e de proveitoso para o seu paiz assumindo o poder.

Se virem que não podem fazer isso, se virem que não podem governar como entendem, que não podem realisar o seu plano, estou certo que resignarão immediatamente esse poder, que não recuarão ante a idéa de cahir, que não sacrificarão as suas idéas, os seus nomes gloriosos, á van gloria, e n'estes tempos gloria bem van, de ser ministros.

E fazemos com todo este desafogo esta prophecia sem sermos politicos nem o querermos ser, porque conhecemos ha muito tempo de perto esses dois homens que hoje se sentam pela primeira vez nas cadeiras do governo, e conhecemos bem quanto valem os seus brilhantes talentos os seus elevados e lealissimos caracteres.

E por isso mesmo saudamos com verdadeiro jubilo o seu advento ao poder, não lhes dando os parabens a elles, que

D. JOSÉ ANTONIO PEREIRA BILHANO, ARCEBISPO D'EVORA

FALLECIDO EM 18 DE SETEMBRO DE 1890

(Segundo uma photographia de Oliveira)

vão com certeza ter muitos trabalhos, muitas amarguras, muitos dissabores, mas congratulando-nos com o paiz pela entrada no governo de dois homens novos, que podem errar decerto, porque são homens, mas que levam para as cadeiras do poder duas grandes forças: brilhantissimo talento e inquebrantavel seriedade.

A apreciação politica do novo ministerio não nos pertence a nós fazel-a.

Ha n'elle homens de grande valor e de provadissima capacidade, como por exemplo Thomaz Ribeiro, cujo nome figura de ha muito entre as glorias litterarias mais brilhantes do nosso paiz: Barbosa du Bocage, um dos sabios mais illustres da nossa terra, mas a apreciação politica do novo gabinete não nos pertence a nós, e na interessante revista especial que o OCCIDENTE publica a encontrarão os nossos leitores, feita com o desassombro, o bom humor e a imparcialidade com que o nosso collega João Verdades costuma tratar sempre esses assumptos, de que nós fugimos a sete pés.

* * *

E fugimos para assumpto bem mais agradavel, e que n'esta epoca do anno preocupa sempre uma grande parte do publico de Lisboa.

Creio escusado dizer que esse assumpto é S. Carlos.

A's horas em que escrevemos já estão em Lisboa muitos dos artistas lyricos que nos hão de entreter as longas noites do inverno que se aproxima, e quando esta chronica sahir a lume terão já começado em S. Carlos os ensaios das primeiras operas, que segundo se affirma serão a *Gioconda* e o *Pescador de Perolas*.

A companhia que vem este anno não é bem uma companhia nova — é a companhia do anno passado reconstruida, como quem diz uma reconstrucção ministerial.

E mesmo alguns dos que constituem a novidade da reconstrucção são já nomes conhecidos antigos.

Da epoca passada vem a primadona Nadina Bulicioff, o barytono Menotti e o baixo Ercolani. Novos, mas já velhos para nós, temos a primadona Helena Theodorini e o barytono Devriés, e o tenor Bugatto. Novos, verdadeiramente novos em Lisboa: as primadonas Brambilla e Leonardi, os tenores Gabrelesco e Moretti e o baixo Wolfang.

Começaremos por informar os nossos leitores acerca dos novos e são boas as informações que d'elles temos.

O tenor Gabrelesco, o forte tenor, da epoca dizem-nos que possue uma excelleute voz, muito afinada, muito igual, poderosa e nitida no registo agudo, o que deve ser um regalo para o publico de S. Carlos que ha annos está habituado a passar sem primeiro tenor, porque o sr. Brogi, que cá esteve dois annos, era um barytono que subia e que forçava a voz para cantar de tenor pelo simples e logico motivo de se pagarem muito melhor os tenores de que os barytonos.

O outro tenor o sr. Moretti não tem boa voz mas canta excellentemente segundo nos affirmam. E' um mestre de canto e como tenor de *bel canto* figura entre os melhores.

A primadona ligeira Brambilla, não é como muita gente suppõe a soprano dramatica Brambilla que esteve em S. Carlos ha poucos annos, que tinha talento mas de quem nós nunca podemos gostar.

Tem o mesmo nome mas não é a mesma o que prova que do mesmo modo que ha mais Marias na terra tambem cá ha mais Brambillas.

Se bem nos lembramos a primadona ligeira que vem este anno para S. Carlos é uma que cantou ha dois ou tres annos com successo no theatro de S. João.

A contralto Leonardi tem uma fama enorme no mundo lyrico, sobre tudo pela sua belleza que dizem ser realmente extraordinaria — vão preparando os binoculos meus senhores.

E' romana e se a chronica não mente vendia flores em Roma.

A sua belleza excepcional dava nas vistas de toda a gente e um maestro que lhe descobriu um fio de voz aproveitou esse fio para fazer d'elle um filão d'ouro.

A antiga florista romana fez carreira rapida e hoje é senhora de abastados haveres e a sua belleza aliada á sua voz tem-lhe valido grandes triumphos.

Um dos seus grandes *successos* é a *Aida*, e dizem os criticos de Italia e os criticos da America que nunca em scena se viu nada tão famoso, tão escultural como a Annerés feita pela Leonardi.

O baixo Wolfang é um artista que começa, mas no anno passado em Buenos Ayres e Montevideu agradou immenso.

Das vozes já conhecidas pouco direi.

Helena Theodorini já toda a Lisboa sabe quem é e os leitores do OCCIDENTE sabem todo o bem que d'ella penso e que d'ella disse durante os dois annos em que ella esteve em Lisboa, e em que nos deslumbrou com os prodigios do seu talento eminentemente dramatico e a que o publico, apesar de o victoriar muito nunca prestou, parece-me, todas as homenagens a que elle tinha incontestavel direito.

A Theodorini passa hoje em ser julgada lá fóra, em todos os grandes centros artisticos, pela primeira cantora dramatica da actualidade.

Desde que sahiu de Lisboa vae para tres annos a sua carreira tem sido uma serie continua de ovações triumphaes.

Na America Hespanhola no anno passado causou delirio na *Gioconda*, na *Lucrecia* e no *Othello*, e os jornaes americanos disseram — que os lemos nós — que era a mais extraordinaria Desdemona que a America tinha visto.

Depois em Roma os seus *successos* foram collossaes e ainda ha pouco em Perugia fez verdadeiro fanatismo.

Em Roma a Theodorini creou com um exito extraordinario a *Cid* de Massanet e uma opera nova de um compositor italiano *Mala Pasqua*.

A critica italiana disse que a opera não valia muito, mas que cantada pela Theodorini era um verdadeiro assombro.

O publico de Lisboa poderá ajuizar com conhecimento de causa, porque a *Mala Pasqua* é uma das operas novas da estação.

O barytono Devriés esteve ha annos em Lisboa com sua irmã a celebre Fidés Devriés cujo successo entre nós foi superior ao da Patti.

N'esse tempo Mauricio Devriés, que é um verdadeiro cavalheiro, extremamente sympathico, não fez *successo* mas agradou sem muito favor. Hoje dizem-nos que está um barytono excellente e que tem feito extraordinarios progressos.

Bugatto é o barytono-tenor da companhia do Colyseu da rua nova da Palma que a empreza escripturou para o utilizar nas operas que não pedem primeiro tenor e cremos que fez bem, se os *succcesos* do sr. Bugatto no Colyseu não fizerem mal á sua carreira em S. Carlos.

Nadina Bulicioff, Menotte e Ercolani, são nossos conhecidos de mui fresca data ainda, para que seja necessario recordar o que elles valem.

Nos maestros regentes ha tambem este anno novidade: desappareceu o maestro Pontecchi que ia já sendo chronico em S. Carlos, volta o maestro Mancenelle de quem o publico tanto gostava e mais dois regentes o sr. Bach e o sr. Saste.

O maestro dos córos é tambem dos novos-velhos, o maestro Bonafous que aqui esteve muitos annos no tempo do chorado Valdez e que exercia a contento do publico o seu logar.

O theatro abre no dia 28, diz-se, e portanto se tal fôr e se Deus nos der vida e saude poderemos na proxima chronica já informar os nossos leitores d'essa noite de inauguração da epoca lyrica, que é sempre uma das noites celebres do inverno Lisboeta.

* * *

A *Lucta pela vida*, que contámos minuciosamente na nossa ultima chronica deu-se em D. Maria mas não alcançou de forma alguma o *successo* que teve em Paris.

Se não teve esse *successo* porém a culpa não foi dos artistas portuguezes, que, segundo nos dizem dão á peça um desempenho excellente, mas sim da peça que não cahiu no agrado do publico.

A comedia do Gymnasio a que tambem nos referimos a *Tabua de Salvação* agradou muito. E eis por hoje as novidades theatraes de Lisboa.

*Gervasio Lobato.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### D. JOSE' ANTONIO PEREIRA BILHANO

ARCEBISPO D'EVORA

O sr. Arcebispo de Evora, que falleceu em Ilhavo no dia 18 do mez passado, era um dos mais virtuosos e sabios prelados da egreja lusitana.

Nasceu em Ilhavo a 22 de março de 1801, de paes pobres de bens materiaes, mas ricos de qualidades que ennobrecem e honram o caracter de quem as possue.

D. José Antonio Pereira Bilhano, era filho de João Antonio Bilhano e de D. Rosa Maria de Jesus. Desde a mais tenra idade revelou as suas tendencias para a carreira ecclesiastica e n'esse sentido dirigio os seus primeiros estudos; mas a morte de seu pae veio interromper a brilhante carreira que encetara, para seguir a qual lhe faltavam todos os recursos.

Foi n'esta situação que o bispo d'Aveiro D. Manoel Pacheco de Rezende, sabendo do desamparo em que se achava o joven estudante, o chamou a si e lhe dispensou toda a protecção até ao ponto de o formar em canones na Universidade de Coimbra.

Tinha então D. José 22 annos de idade o que tanto basta dizer para se avaliar do aproveitamento com que elle estudou e da exemplar conducta que seguiu sob a protecção do bispo D. Manoel, que elle se habituou a olhar e a respeitar como um pae.

Logo que concluiu a sua formatura, D. José foi nomeado professor de Historia Sagrada e Ecclesiastica, e a de direito Canonico, dirigindo depois a de Theologia Moral.

O bispo d'Aveiro nomeou-o promotor do juizo ecclesiastico e depois juiz dos casamentos, vigario geral do bispado e provisor.

A morte do bispo D. Manuel, impressionou-o profundamente, pois que importava a perda de um protector poderoso e desvelado, e o desgosto levou D. José a exonerar-se de todos os cargos que tinha e ficou reduzido a leccionar, o que fez por espaço de quatorze annos, com grande aproveitamento para seus numerosos discipulos.

Por 1842, quando entre Portugal e a Curia se levantaram difficuldades diplomaticas, pondo em perigo as boas relações das duas potencias, foi D. José Antonio Pereira Bilhano investido pelo papa Gregorio XVI nas altas funcções da jurisdicção ordinaria do bispado de Aveiro com faculdade de delegal-a em ecclesiasticos de sua confiança.

O modo porque se desempenhou de tão importante missão valeu-lhe os maiores elogios do Summo Pontifice lavrados em documentos extremamente honrosos para o illustre prelado.

Em 1845 foi despachado parocho da freguezia da Oliveirinha e mais tarde, em 1851, entrou por concurso na parochial de Ilhavo, sua terra natal.

Em 1853 foi eleito deputado ás côrtes pelo circulo de Aveiro, tomando assento na camara em 2 de julho d'esse mesmo anno.

No parlamento advogou calorosamente os interesses do bispado de Aveiro ao mesmo tempo que se mostrou sempre grande patriota.

Cedendo a reiteradas instancias acceitou em 1868 o cargo de vigario geral do bispado de Aveiro, e por oito annos desempenhou aquellas funcções com o maior zelo e dedicação, reformando e augmentando alguns estudos ecclesiasticos sob a sua direcção, beneficiando a Sé com óbras necessarias, fazendo emfim uma administração modelo.

Tão excellentes qualidades e tão provada capacidade indicaram a D. José para mais altos cargos da egreja e assim foi elevado a arcebispo d'Evora, confirmado por Pio IX em 6 de março de 1871.

N'este elevado cargo D. José Antonio Pereira Bilhano, soube ganhar todas as sympathias que o povo só dispensa aos que são realmente bons; e quer com as luzes do seu privilegiado espirito, quer com os seus rasgos de caridade evangelica, quer com a sua sabia administração, soube honrar o logar que fôra chamado a desempenhar na egreja luzitana.

O sr. D. José havia-se retirado ha tempos á sua casa de Ilhavo, para em mais tranquilidade cortir a enfermidade que principiou de o accometter, deixando os negocios da deocese entregues ao sr. dr. Augusto Eduardo Nunes, em quem se reunem apreciaveis qualidades e competencia.

Foi na sua casa de Ilhavo que o virtuoso prelado se finou.

### O NOVO MINISTERIO

GENERAL JOÃO CHRYSOSTOMO DE ABREU E SOUSA, *ministro da guerra e presidente do conselho.* — É par do reino e decano dos generaes de engenheria, arma a que pertence. Nasceu em Lisboa a 27 de janeiro de 1811 e sentou praça em 1833.

Fez parte do ministerio do duque de Loulé em 1864-65, na pasta das obras publicas e interino da marinha, e em 1879 voltou aos conselhos da corôa, no ministerio presidido por Anselmo José Braamcamp, como ministro da guerra, encargo que deixou em 1880.

Em qualquer d'estas gerencias déu provas de su-

perior capacidade, deixando a sua passagem assignalada por medidas importantes, entre as quaes citaremos a organisação da engenheria civil.

Membro da junta consultiva de obras publicas, encontramos, entre outros trabalhos, um relatorio elaborado por s. ex.ª sobre a rede dos caminhos de ferro a estabelecer no paiz, em que revela o mais completo conhecimento da especialidade.

Se aos vastos conhecimentos scientificos ajuntarmos as excellentes qualidades do seu caracter, honrado, não podemos deixar de reconhecer no sr. João Chrysostomo a mais justa competencia para a alta missão que foi chamado a desempenhar.

O sr. João Chrysostomo acceitando o encargo de formar ministerio, e conseguindo formal-o, prestou á corôa o maior serviço que lhe podia prestar n'esta occasião, pondo fim á crise politica que durou o melhor de vinte e sete dias.

Assim o venerando general possa vencer todas as difficuldades que assoberbam a administração publica, para o que decerto não lhe faltarão bons desejos, o que não será sufficiente, quando falte a energia e a actividade que não póde subejar aos 79 annos de edade.

Conselheiro José de Mello Gouveia, *ministro da fazenda*. — Não é tambem um novo, antes o contrario, pois nasceu em 1815, e durante a lucta do governo absolutista foi perseguido e preso em consequencia das suas idéas liberaes.

Por 1845 desempenhou o primeiro cargo official que lhe foi confiado, o de official maior do governo civil de Coimbra, proseguindo depois na carreira administrativa de secretario geral de Villa Real, governador civil de Leiria, de Vianna do Castello e de Vizeu.

Foi pela primeira vez ministro em 1870, em que fez parte do ministerio presidido pelo duque de Avila, tendo a seu cargo a pasta da marinha, dirigindo tambem depois interinamente a pasta da justiça. Em 1877 fez parte do governo presidido tambem pelo duque de Avila, sendo outra vez encarregado dos negocios da marinha e ultramar e tomando depois conta da pasta da fazenda, pela sahida do sr. Carlos Bento d'este ministerio.

Eleito deputado em differentes legislaturas, foi elevado a par do reino em 1880, e no anno seguinte voltou a ser ministro da marinha e ultramar, no gabinete presidido por Fontes Pereira de Mello.

O sr. Mello Gouveia é, pois, um politico experimentado, embora a sua politica sempre conciliadora, não lhe tenha permittido ser um partidario d'esta ou d'aquella facção. Parece que esta qualidade foi a que mais o recommendou para ministro na actual situação. Resta ver se s. ex.ª será um financeiro á altura da gravidade das finanças. É em todo o caso um caracter honradissimo.

Conselheiro Thomaz Ribeiro, *ministro das obras publicas*. Par do reino e ministro por varias vezes, sendo a primeira em 1878 ministro da marinha, no gabinete de Fontes Pereira de Mello, passando no anno seguinte a gerir a pasta da justiça interinamente.

Em 1881 entrou no ministerio presidido por Fontes, para a pasta do reino, e em 1885 gerio a das obras publicas.

É director geral do ministerio da justiça e já foi governador civil do Porto.

Occupando ha muitos annos cadeira no parlamento, a sua palavra eloquente tem-se feito sempre ouvir com applauso no seio da representação nacional, e quer na tribuna quer na imprensa tem sido um strenuo defensor das liberdades patrias, e ainda na ultima dictadura, apesar de ser de um governo regenerador, foi dos que mais se insurgio contra a lei oppressora da liberdade de imprensa, chegando por esse motivo a suspender a publicação do *Imparcial*, jornal que se publicava sob a sua direcção politica.

As suas idéas politicas são adversas á politica ingleza. Oxalá s. ex.ª as possa sustentar em boa pratica na occasião presente.

Conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage, *ministro dos negocios estrangeiros*.—Foi pela primeira vez ministro da marinha em 1885. É doutor em philosophia pela universidade de Coimbra e lente de zoologia na escola polytechnica de Lisboa.

Distincto na sua sciencia, tem publicado varias memorias que fizeram o seu nome conhecido tanto em Portugal como no estrangeiro.

Nasceu na ilha da Madeira a 2 de maio de 1823, tendo, portanto, 67 annos de idade completos. É par do reino e tem militado no partido regenerador.

Socio fundador do Sociedade de Geographia de Lisboa, tem-se occupado de estudos coloniaes o que naturalmente o indigitou em tempo para a pasta da marinha, que, como dissemos, gerio. Agora encarregado da pasta dos negocios estrangeiros, é facil reconhecer o pesado encargo que tomou, em face da grave questão ingleza.

Que Deos inspire s. ex.ª no melhor modo de resolver a melindrosa pendencia.

Dr. Antonio Candido, *ministro do reino e interinamente da instrucção publica e bellas-artes*.—Faz a sua estreia nos conselhos da corôa, e ainda é novo apesar de já ter largo tirocinio parlamentar.

Orador distinctissimo que todos conhecem tanto na tribua parlamentar como na tribuna sagrada, veio da universidade de Coimbra onde se formou em direito.

Publicou ainda este anno o seu primeiro livro, *Discursos e Conferencias*. onde reunio o que andava disperso nos Diarios das Camaras e em outras publicações periodicas.

Ha dois annos que se affastou um pouco da vida activa da politica, por descordar da marcha que a mesma politica tem levado, e entregue ao serviço do seu emprego de ajudante do procurador geral da corôa, deixou a sua cadeira no parlamento e a lucta do partido progressista, em que estava filiado.

Antonio Ennes, *ministro da marinha e ultramar*. —E', talvez, hoje o primeiro jornalista portuguez, porque junta á boa argumentação e conhecimentos varios, qualidades litterarias pouco vulgares, qualidades que fizeram d'elle um dramaturgo distincto ainda antes de ser um jornalista.

É bibliothecario mór da Bibliotheca Nacional, logar em que foi provido por morte de Mendes Leal.

Filiado no partido progressista foi por elle eleito deputado ás côrtes.

Tem escripto successivamente nos jornaes *O Paiz*, *O Progresso*, *Correio da Noite* e *O Dia* jornal que fundou ha dois annos e onde tem sustentado os crediios de um jornalista de primeira ordem, muito especialmente em face dos ultimos acontecimentos

A sua attitude energica contra o tratado anglo-luso, concorreu poderosamente para a regeição do mesmo tratado pela opinião publica.

É essa mesma opinião publica que espera agora anciosa pela gerencia do novo ministro da marinha.

Dr. Antonio Emilio de Sá Brandão, *ministro dos negocios da justiça e ecclesiasticos*.—Juiz do Supremo Tribual de Justiça e par do reino electivo. Melitou em tempo na politica e foi governador civil do Porto no governo de Costa Cabral. De ha muito, porém, que se conservava alheio ás luctas partidarias e todo entregue aos cuidados da elevada magistratura que exerce.

N'estas condições nada faria suppor que s. ex.ª fosse chamado a prestar este serviço á corôa, o que não quer dizer que a sua nomeação não fosse recebida com agrado pelo publico, como a de um cavalheiro digno de tão elevada commissão.

Nasceu em 21 de janeiro de 1821 da bem conhecida familia da Torre da Marca do Porto.

Lamentamos não podermos publicar n'este numero o retrato de s. ex.ª, por não o termos podido obter a tempo, do que esperamos desempenhar-mo-nos no proximo numero.

## OS PAÇOS DO CONCELHO D'ELVAS [1]

Entre outros edificios de menos consideração que embellezam a praça do Principe D. Carlos, na cidade d'Elvas, está o dos paços do concelho, representado na gravura a pag. 237.

E' construcção do seculo XVI, modificada por grandes reparações a que se procedeu até ao anno de 1773, em que uma parte do edificio ameaçava ruina, sendo indispensavel sustental-o com quatro pilares de cantaria.

Os paços do concelho. em que está encravada a salla do tribunal judicial, ficam encostados á antiga muralha que El-Rei D. Sancho II achou quando conquistou aquella cidade em 1226, e firmam-se sobre arcos, cujos vãos, aforados a pessoas particulares, foram preenchidos com as casas que ulteriormente n'elles se fizeram.

Subindo a escadaria dos paços do concelho, penetra-se nas denominadas varandas das audiencias, hoje envidraçadas; logo na salla do tribunal, que fica sobre o arco da Praça; e por ultimo na salla das sessões, em que ha duas janellas com varanda corrida.

Contiguo a esta salla está o cartorio municipal, e outras dependencias secundarias; sobre o patamar da escada a salla d'espera, que foi n'outro tempo capella da camara, tendo aberta uma larga janella para as varandas, d'onde o povo assistia á missa; e finalmente communicada com esta a nova salla de secretaria, em que ha outra janella que a inunda de luz, voltada para as trazeiras do edificio, e de que se disfructa um panorama encantador.

O principio da construcção dos paços do concelho d'Elvas deve referir-se a uma data intermedia, desde julho de 1537, em que a obra estava por principiar, e abril de 1538, em que já se tinham gasto as primeiras sommas a ella applicada.

Isto consta de documentos authenticos, e outro tanto se declara n'uma inscripção contemporanea, que diz: *Esta obra se começou e acabou na Era de 1538, sendo no presente anno vereadores Bastião de Sousa, fidalgo da casa d'El-Rei, Diogo da Silva de Macedo, João Nunes e procurador Manuel Zagallo.*

As principaes memorias que se prendem a este edificio, no decurso dos tempos são as seguintes:

Em 1610 cahiu n'elle uma faisca electrica, de que resultaram bastantes prejuizos.

No tempo da guerra da Acclamação (1641-1668) serviu por vezes d'alojamento a contingentes de tropas, de que resultou, uma d'ellas, queimarem os soldados em 1648 todos os moveis que havia dentro da salla do tribunal.

Em 1659 foi n'elle mettido o conde de Medellin, prisioneiro na batalha das Linhas d'Elvas; mas tão mal guardado, que conseguiu evadir-se de noite.

Em 1729 esteve encorporada com a casa dos juizes (actual administração do concelho) e com o paço do Bispo, para alojamento da familia real, quando El-Rei D. João V veio ás festas de Caia, por occasião do casamento do principe real D. José.

Finalmente em 1824 construiu-se o alpendre de cantaria que se vê por baixo da salla das sessões, onde está a casinha do peixe.

A salla das sessões tem no logar principal um quadro representando Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade; e cobrindo as paredes grandes quadros adaptados, pintura em tella, obra de Cyrillo Wolkmar Machado, representando as principaes passagens do livro biblico de Esther.

Exteriormente ha no edificio dois escudos d'armas da cidade, um sobre a porta principal, e outro na parede da salla das sessões; e duas inscripções sobre o arco da Praça, um em que se invoca o patrocinio da Virgem Maria, e a outra referente á fundação dos paços do concelho, como já dissemos acima.

Embebida no muro, sobre o dito arco, ha tambem a legenda commum a todas as portas das cidades e villas de Portugal, mandada collocar por El-Rei D. João IV, depois das côrtes de 1646, e que diz: *Nossa Senhora foi concebida sem peccado original.*

*R.*

[1] Ao infatigavel investigador sobre as coisas d'Elvas e seu concelho, o Sr. Victorino d'Almada devemos as notas sobre que este artigo é feito o que muito agradecemos.

## O TORPEDO WHITEHEAD

Este torpedo, com que em geral são armados os torpedeiros, tem a forma d'um charuto e mede 4,m 40 de comprimento com o diametro maximo de 0,m 50.

E' construido de aço e dividido em cinco compartimentos.

A vante, que se chama o cône de carga, contem 30 kilos de algodão-polvora, segue se a camara dos reguladores de immersão destinados a fazer manobrar os apparelhos empregados para esse fim; a 3.ª parte forma o reservatorio do ar, contendo-o a 75 atmospheras de pressão, a 4.ª parte contem a Brotherhood de 3 cylindros posta em movimento pelo ar comprimido, e o apparelho a ré destinado a assegurar a flutuação do torpedo; a quinta parte comprehende o compartimento das engrenagens para a marcha da primeira helice.

A quilha do torpedo é formada a ré por duas helices, marchando em sentido contrario.

O pezo d'um torpedo é de 174 kilogrammas, a espessura das chapas de aço, na camara d'ar é de 7 millimetros, e de 2 milimetros nos outros compartimentos.

Um perpulsor está collocado na parte anterior do torpedo.

O choque impresso no perpulsor movel, determina a explosão do algodão-polvora.

Para lançar um torpedo Whitehead é intruduzido no tubo lança-torpedo, inclinado ligeiramente

# O NOVO MINISTERIO

GENERAL JOÃO CHRYSOSTOMO DE ABREU E SOUZA

MINISTRO DA GUERRA E PRESIDENTE DO CONSELHO

CONSELHEIRO JOSÉ DE MELLO GOUVEIA

MINISTRO DA FAZENDA

CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

ANTONIO ENNES

MINISTRO DA MARINHA E DO ULTRAMAR

CONSELHEIRO JOSE VICENTE BARBOSA DU BOCAGE

MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

DR. ANTONIO CANDIDO

MINISTRO DO REINO E INTERINO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA E BELLAS ARTES

sobre o mar e colocado avante do navio torpedeiro.

O torpedo é lançado violentamente por uma carga de ar comprimido, ou pela força d'uma substancia explosiva.

Pode-se lançar um torpedo com uma carga de 300 grammas de polvora, sendo o fogo feito pela electricidade.

O torpedo passando no tubo lança-torpedo, encontra ao meio um descanço metalico, chamado dedo; que levanta uma alavanca da valvula da caixa d'ar.

Esta alavanca põe em movimento a machina *Brotherhood* que faz mover as helices: o leme horisontal do torpedo que assegura a sua marcha a 2.m 50 debaixo d'agua, é movido por um pequeno motor auxiliar.

O torpedo Whitehead toma a velocidade de 8 a 10 milhas por hora, ou seja 185 a 310 metros por minuto.

Os preços d'um torpedo são de um conto e cem mil reis, a dois contos.

Os torpedos Whitehead são fabricados em Fiume (Austria) na fabrica de Whitehead, e C.a a qual fornece a maior parte dos paizes do universo.

A França tem fabrica sua em Toulon, e possue uns 500 torpedos que representam o valor de mil contos de reis.

Foi em 1876 que o engenheiro Whitehead inventou o torpedo automatico, que lançado ao mar por um navio porta-torpedo a uma distancia de 500 metros se derigiu entre duas aguas a atacar um navio.

Na ultima guerra do Chile e do Peru foi a primeira vez empregado n'um combate naval o torpedeiro Whitehead, que graças a marcha superior do navio contra o qual elle foi dirigido o couraçado peruano *Huascar* ficou a salvo.

As unicas nações que já empregaram este torpedo com resultado (com o que a humanidade nada ganhou) foram a Russia na guerra do Oriente, e a França na ultima guerra contra a China, mettendo no fundo duas fragatas chinezas com perto de 800 homens.

Depois d'estas guerras é que todas as nações viram na pratica o resultado dos torpedos, logo que são derigidos por equipagens cheias de bravura, de audacia e sangue frio.

Foi então que todas as nações olharam com mais cuidado para os torpedos, augmentando o numero dos seus torpedeiros.

Nós temos estabelecida a escola de torpedeiros em Paço de Arcos, e cinco vapores torpedeiros o que é insignificantissimo.

*Grumete.*

## A MATERIA

II [1]

A materia, definida por Kant *o mobil que enche o espaço*, e por outros philosophos da eschola allemã *expressão visivel da permanencia ou da continuidade das forças da natureza*; a materia, diziamos, consta de varias substancias, sendo uma só a base de todos os corpos a que ella dá logar, segundo o chimico Dumas que funda esta theoria nos equivalentes chimicos.

Actualmente a sciencia regista sessenta e seis substancias que resistem a toda a casta de tormento analytico e não podem ser decompostas: tomam por tanto o nome de substancias elementares. Mas ninguem pode assegurar que amanhã alguma d'ellas não seja desterrada do catalogo das privilegiadas, por achar-se composta, e ceda o seu logar a outra ainda desconhecida.

D'essas substancias umas são um pouco escassas, outras abundam, e algumas ha que entram na composição de quasi todos os corpos.

Cinco d'ellas são aeriformes ou gazosas: o oxygenio, o hydrogenio, o azote, o chloro e o fluor; duas são liquidas: o bromio e o mercurio ou azogue; as demais são solidas, na sua temperatura ordinaria ou normal, pois que todas ellas podem mudar de estado subindo ou baixando esta.

Da materia procedem os corpos; e verdadeiramente entre estes dois termos não existe differença physicamente falando.

(1) Um erro typographico fez sair o primeiro artigo no numero antecedente com a designação de XI.

Materia é o que entra na constituição do corpo, e corpo é a reunião ou aggregação de materia que os nossos sentidos percebem em um espaço determinado

Os corpos são formados pela união de duas ou mais substancias, ou por uma só, e assumem um aspecto variado e peculiar, limitado por linhas mais ou menos regulares.

Quando é uma só a substancia, o corpo chama-se simples; quando são mais, composto. Até agora teem sido considerados como corpos simples o ouro, o carbonio, o sodio, etc, porque todos os atomos que entram na constituição d'estes corpos são ouro, carbonio e sodio. Corpo composto é a agua, porque resulta da união do oxygenio com o hydrogenio.

Empregámos as palavras atomo e molecula: não prosigamos pois sem lhes explicarmos o sentido, o valor.

Toda a substancia pode partir-se, dividir-se e subdividir-se um sem numero de vezes: theorica ou mathematicamente, a divisão da materia não tem limite, porque é possivel em quanto existe um ponto material; praticamente, ha um termo alem do qual não chegam os nossos meios, os nossos instrumentos; a tennidade summa, a quasi imperceptibilidade do ponto material oppõe-se a toda a separação ulterior.

Atomo por tanto significa a unidade physica da materia, isto é, o que nem a natureza nem a arte podem dividir.

A união de dois ou mais atomos dá logar á molecula, e muitos d'estes reunidos formam o corpo.

Atomos e moleculas conservam-se unidos em virtude de algumas forças que por agora chamaremos forças moleculares, sem distincção, embora algumas d'ellas sejam propriamente forças chimicas, conhecidas pelo nome de affinidade, e outras pertençam á physica, como a seu tempo será demonstrado.

Observámos que os corpos differem entre si, como o mostram a forma, a côr, o peso, o sabor e outros caracteres.

A que attribuir tal differença?

Ao numero e diversidade das substancias ele-

PAÇOS DO CONCELHO D'ELVAS

(Segundo uma photographia)

mentares que contribuem para a sua formação, e ao modo distincto como se agrupam os atomos.

A materia, ao tomar um aspecto, uma forma determinada, divide-se em organica e inorganica, e a primeira subdivide-se em animada e inanimada: entramos na *selva selvaggia* das definições; não será porem longa a viagem.

Cada qual d'essas secções da materia já amoldada, tem a sua maneira de ser, a sua autonomia, os seus caracteres especiaes: entre a materia-homem ou zoologica, a materia-planta ou vegetal e a materia-mineral ou granito, malachite, diasporo, medeiam immensas distancias.

Existe todavia uma maravilhosa, uma divina lei de progressão que, dil-o-hemos assim, approxima essas distancias. A lei que Vico, creador da philosophia da historia, descobriu na ordem moral; a lei que Heeren, Schelling, Hegel e Schopnhauer applicaram mais directamente aos factos, livremente seguindo a trilha do illustre napolitano, martyr da Biblia e da censura bourbonica, rege tambem na ordem physica, e Humboldt provou-o com o extraordinario microcosmos que nos deixou e se chama Cosmos.

Opportunamente diremos da *inercia* e das forças attractivas e repulsivas, chamadas poeticamente na antiga physica de Empedocles, amor e odio, forças coetaneas da materia, como esta indestructiveis.

Ninguem se essombre se até certo ponto consideramos indestructivel á materia: a nossa proposição pode parecer heretica aos espiritualistas puros, cuja crença na immortalidade da alma se funda na idéa preconcebida de uma absoluta incomparabilidade entre o espirito, emanação divina, e a materia que teem por cousa vil e perecedoura, e mostram uma systematica repugnancia por tudo que tende a identificar estes dois termos, irmãos para os livres pensadores que, confessando o principio da conservação das forças, como ensina a physica moderna, e repetindo com a chimica, *nada se perde* no vasto campo da natureza, creem que estas duas idéas não excluem a creação, nem que possa ter fim o que teve principio.

A indestructibilidade da materia, tal como a concebe actualmente a sciencia, é a inevitavel, a rigorosa consequencia da immutabilidade das leis naturaes e das forças que imprimem ao universo o movimento.

Tudo o que existe, tudo procede. deriva do que existiu; nada pois do que existe pode não existir na ordem natural. A materia não pode perecer, como não pode augmentar ou deminuir; se assim não fôra, haveria uma inexplicavel contradicção. Toma aspectos distinctos, simplesmente; a molecula que se separa do cadaver, presa da putrefacção, entra em novas combinações e revive em novos corpos, porque a natureza é uma continuada metamorphose.

A destruição, synonymo de morte, considerando esta palavra na sua accepção vulgar, é um phantasma que a educação progressiva da humanidade afugentará um dia; tudo vive e tudo continuará a viver no seio da creação, ainda quando o nosso mundo, humilde planeta suspenso em um espaço no qual o telescopio de Herschell, dirigido para a via lactea, descortinou dezoito milhões de soes, fosse absorvido por outro ou decomposto em seus elementos e devolvido ao grande receptaculo de materia cosmica ou cahotica. Tudo vive e nada vive isolado; uma relação forçosa une as distinctas partes de um mesmo individuo, inseparavel dos seres do mundo, como este o é dos mundos do mesmo systema planetario ou da mesma constellação que se acha entresachada com os milhões de constellações que formam esse todo immenso, incalculavel, infinito, eterno, ante o qual o homem se abysma, ao pensar na suprema intelligencia, na força creadora, no poder que tudo conserva e transforma.

*Francisco de Almeida*

# ESTUDOS HISTORICOS

## O GENERAL GOMES FREIRE

### III

### *O martyr*

(Concluido do n.º 425)

Já no artigo anterior haviamos demonstrado não existir prova para processar o general Gomes Freire, e bem assim todos os denunciados na lista de Cabral Calheiros.

De tal lista apenas figuram condemnados o barão Eben e o general.

Concernente ao barão Eben, tão conhecido na nossa historia da guerra peninsular, quer pelas obras do general Chaby, dos conselheiros Luz Soriano e Pinheiro Chagas, apenas encontramos, d'este ultimo historiador, o seguinte, que põe a questão no seu verdadeiro terreno: — «O barão Eben negou sempre que *essa carta* fosse sua e teimou que a assignatura que figurava n'esse papel era falsificada. Ora, effectivamente, ha n'esse documento uma affectação tão visivel de imitar na má orthographia a má pronuncia do estrangeiro, que mais parece o esforço de um imitador do que outra cousa.»

Ora *essa carta* é um documento que temos presente, do Archivo da Torre do Tombo.

Não ha duvida, é verdade o que diz o illustre historiador. N'essa carta o barão, ou quem *beresfordmente* por elle escreveu, queixava-se da falta de consideração devida aos officiaes que não eram inglezes; e, confessava o signatario, ser *uma victima* como todos os que se achavam revoltados contra a tyrannia de Carr Beresford.

Porém, com respeito ao nosso inolvidavel Gomes Freire, nem sequer uma carta d'aquelle jaez appareceu.

Isto comprova o que em todos os artigos aqui temos escripto.

No pamphleto a que já nos referimos, mandado publicar por William Carr Beresford, em maio de 1821, até se deu impressa a cifra de que se serviam os *terriveis* conspiradores. Facto tão verdadeiro e tão importante que o libello se imancipou d'elle, por isso que de tal factor se prescindio.

Emfim, como curiosidade, historica sempre damos a publico a tal cifra. Este difficil enigma consistia apenas em desprezar a consoante *V* e collocar no fim do abecedario as consoantes *K* e *J*. Em dois circulos concentricos, tomava-se como base ou ponto de partida a correspondencia do *A* sobre o *n*, como na figura seguinte:

Perante este documento demonstrativo da intelligencia dos *conspiradores* é licito confessar que seria o maior insulto infligido á memoria de Gomes Freire, pensar que o brilhante commensal dos palacios de S. Petersburgo, Versailles e Viena d'Austria, elle, o severo auctor do *Essai sur la manière d'organiser l'armée em Portugal*, o heroe de Otchakov e Ismail, de 1801, dos Pyreneos, e de Smolensko, empregasse o seu talento na construcção de tal meio de correspondencia!

E' preciso odiar Gomes Freire de Andrade para acreditar em uma deformidade de esta ordem.

*
* *

Era tal a impaciencia dos inglezados que em trez dias foram apanhados e conduzidos de surpreza aos carceres, Gomes Freire de Andrade, Manoel Monteiro de Carvalho, José Francisco das Neves, José Ribeiro Pinto, Antonio Cabral Calheiros, Henrique José Garcia de Moraes, José Campello de Miranda, José Pinto da Silva, Manoel de Jesus Monteiro, Manoel Ignacio de Figueiredo, Maximo Dias Ribeiro, Pedro Ricardo de Figueiró, Francisco Antonio de Souza, Antonio Pinto da Fonseca Neves, Francisco de Paula Leite e o barão Frederico Eben.

Os presos foram, uns para o Limoeiro, outros para o Castello de S. Jorge, e, só o general, foi mandado para a torre de S. Julião da Barra.

O processo dos suspeitos de conspiração foi um cumulo de irregularidades e infracções das leis do paiz.

O intendente geral da policia, Barbosa de Magalhães, com os seus dois ajudantes, Casal Ribeiro e João Gaudencio, foi quem procedeu ao celebre interrogatorio.

Logo que se achou concluido o pseudo-processo foi este entregue pela regencia do reino aos juizes por ella nomeados; eram elles: Antonio José Guião, Gomes Ribeiro, dr. Vellasques, Leite, Araujo, e Ribeiro Saraiva.

O paiz do *ámanhã*, a terra por excellencia da morosidade, achava-se tão á ingleza, que, tomando por flammula a divisa «*time is money*,» despachou tudo em dez dias!!...

Em *dez dias* estava tudo prompto!!! Podia começar o morticinio!

Houve uma tal actividade nos homens de justiça *á ingleza*, que a sentença foi cumprida dois dias antes de publicada!

O processo dos martyres da Patria foi de tal modo tumultuario, que, independente da sanguinaria monstruosidade que a elle presidira, estava nullo por sua natureza.

Os *reus* não poderam escolher advogado. Não lhes foi concedido!

Os juizes que deram a sentença condemnatoria, foram os mesmos que repelliram os primeiros embargos!

Tiveram defferimento os segundos embargos! Mas querem saber para quê?...

Para a sentença encontrar pretexto afim de ser mais infamante. As condemnações a pena ultima que ordenavam a execução pelo garrote, passaram a ser de fôrca!!

*
* *

Na execução dos martyres da Patria, realisada no Campo de Sant'Anna e na explanada de S. Julião, praticaram-se crueldades de tal ordem que só podiam ser movidas pelo extrangeiro.

Começou a hecatombe ás 10 horas da manhã, de 18 de outubro de 1817, e as fogueiras que abrazavam os cadaveres dos martyres ainda ardiam ás nove horas da noite d'esse horrendo dia!

Gomes Freire que fôra prezo e levado á torre de S. Julião em a noite de 25 de maio de 1817, de nada suspeitava, achando levianos os amistosos avisos que recebera.

O benemerito homem de lettras, o generl J. da Costa Cascaes affirmou, na *Revista Universal Lisbonense de 1844* que o libertador do territorio portuguez de 1801 estaria, em 1817, *por espaço de seis dias, sem luz, sem cama, sem alimento se o governador da torre o não sustentasse á sua custa.*

Gomes Freire, por uma ultima vingança filha do propositado rancôr contra a nacionalidade portugueza do qual foi carrasco Pedro Duarte da Silva, esteve de pé, descalço, mais de uma hora olhando a fôrca, sobre as lages da explanada!... Eram nove horas da manhã de 18 de outubro (faz agora setenta e trez annos) quando o carrasco satisfez William Carr Beresford!...

D'este Pedro Duarte da Silva, honesto desembargador que pedio aos padres, assistentes ao supplicio de Gomes Freire, que levantassem a voz no seu cantico de morte para se não ouvir a do general quando fez declarações sobre o patibulo; — diz o distincto escriptor e illustre general Costa Cascaes: — «*mandou-se para a Torre, afim de o espiar*» (Gomes Freire)... «*um desembargador por nome Pedro e por alcunha cruel.*»

O General Gomes Freire dirigio um unico requerimento a el-rei D. João VI, por intermedio de lord Beresford, mas o Carr Beresford, o tal *marquez de Campo Maior*, entregou-o a D. Miguel Pereira Forjaz, *amigo* de Gomes Freire!

*
* *

Vamos fechar este artigo, que é o 9.º da serie *Estudos Historicos*,[1] com chave de ouro; e para isso basta que transcrevâmos o juizo que o auctor do *Alcaide de Faro, Lei dos morgados*, e *Caridade*, escreveu sobre o general Gomes Freire.

Este illustre escriptor refere que o heroe do Roussillon «era um general sabio, valente, cingido com os laureis de muitas batalhas; o portuguez que em meio das hostes de Napoleão, nunca soubera arrancar do chapeu o *laço nacional*; que jámais combatera *contra a patria*...»

E nós que temos, aqui, com tanta e justificada razão, citado o trabalho do sr. conselheiro Pinheiro Chagas, devemos tambem publicar o que o seu mestre, o general Joaquim da Costa Cascaes escreveu sobre a imparcialidade que presidio ao pseudo-processo de Gomes Freire de Andrade: «*Um corpo de delicto informe; perguntas arbitrarias, e apenas feitas por um juiz, na masmorra do prezo, só na presença do seu escrivão; eis os dados sobre que lhe formaram processo; eis*

[1] OCCIDENTE n.os 403, 404, 408, 412, 415, 422, 423 e 425.

*ahi a base para pronunciar uma sentença de morte!*»

*
* *

Trez annos depois das cinzas d'estes martyres, primeiro em Lisboa e depois na cidade do Porto, irrompia o clarão de 1820 que havia de, para sempre, aureolar a fronte nobilissima de Gomes Freire de Andrade.

*Manoel Barradas*

## A MEADA DE LINHA

(Ao distincto escriptor Manoel Barradas)

Das historias com que uma boa tia que Deos haja, me entretinha em pequeno, conservo boa memoria d'esta que vou contar.

É simples, singella como a idade em que a ouvi, e se então não lhe sabia avaliar todo o fundo moral que ella exprime, hoje volvido quasi meio seculo, a experiencia, e um bocado de espirito analytico com que Deos me dotou, fez-me conhecer bem todo o alcance do singello conto que minha querida tia me contou, ao serão, a proposito de uma meada de linha muito embaraçada que estava dubando.

—Vês esta meada tão embaraçada, me disse ella. Se cortar esta linha, terei que partir a meada toda e ficará estragada.

—Mas assim é impossivel ir até ao fim; a linha prende-se a cada momento e...

— Qual impossivel; com preserverança e prudencia tudo se consegue meu pequeno, e já agora quero contar-te a historia de uma meada de linha que eu sei.

— Conte, conte, acudi eu logo, desistindo da tentação em que estava de metter a thesoura á meada.

*
* *

N'uma aldeia da Extremadura portugueza, cujo nome me não occorre agora, o que nada influe para o caso, vivia uma pequena proprietaria que arrecadava por anno uns dozentos alqueires de milho e outros tantos de trigo, junto com algum azeite que colhia de umas oliveiras que encabeçavam as terras de pão e um pouco de linho que criava lá ao fundo da horta, em terreno banhado por um ribeiro que lhe corria ao pé.

A senhora Martha, assim se chamava a pequena proprietaria, era viuva e tinha um filho, Anselmo, que já passára a idade critica de pegar n'uma arma e roer um cartuxo por ordem do rei, essa idade que é um verdadeiro pezadello para os mancebos a quem a farda de soldado mette mais medo que o pegar um toiro á unha.

Não foi sem grandes empenhos e alguns gastos que a sr.ª Martha conseguira livrar seu filho de soldado, alegando os seus direitos de viuva e ser Anselmo seu filho unico a amparal-a na mantensa. Mas o que mais fizera a sr.ª Martha firmar-se n'aquelle direito da lei, não foi a falta material do filho, senão a falta moral, porque ella lhe queria muito como mãe que o estremecia e sabia que por elle era estremecida com egual affecto.

Effectivamente não haviam muitos rapazes na aldeia que se podessem comparar ao Anselmo, pelo seu comportamento, pelo amor e respeito que tinha por sua mãe, e ainda pela educação litteraria que o distinguia, porque soubera aproveitar bem as lições do mestre-escola da terra, homem mais que sufficientemente instruido para o mister a que se dedicara e que se interessava pelos discipulos com zelo pouco vulgar, principalmente quando encontrava algum intelligente.

E Anselmo era um rapaz intelligente, sensato, ouvindo os bons conselhos dos velhos, e em especial os de sua mãe, que para elle eram como os preceitos do Evangelho.

Ora na abastança remediada em que vivia com sua mãe, Anselmo considerava-se quasi feliz, e se não fôra o seu coração andar já um tanto torturado de amores pela filha do Morgado, aquella felicidade seria completa.

A filha do Morgado era uma menina de dezoito annos, a idade feliz, côr de rosa, primavera perenne em que desabrocham as flores com os seus perfumes, e os amores com as suas phantasias.

Rica e rodeada dos carinhos de seus paes, lisongeada pela sua pequena côrte, composta das pessoas mais gradas da terra, não seria difficil descobrir em Olinda, a filha do Morgado, umas tendencias dominadoras e altivas, pouco a conformar-se com a vontade dos outros e antes a impôr a sua.

Consequencias naturaes de uma educação pouco sincera e muito artificial, toda para a exterioridade e pouco ou nada para o intimo, como muitas que para ahi vêmos, e em que Olinda fôra embalada no seu berço de nervosismo, de uma raça que se extingue anemica, depauperada, tendo a curta vida das rosas com a belleza e frescura passageiras da espinhosa flôr, que tanto nos enleva com a sua formosura como nos dilacera com os seus espinhos.

E foi justamente essa formosura que captivou Anselmo e o fez aproximar de Olinda a declarar lhe que a amava, declaração a que ella não se mostrou indifferente, correspondendo-lhe com o melhor dos seus surrisos, que não se poderia dizer serem apenas dos labios, mas de mais fundo: do coração.

Estes amores não foram segredo que a breve trecho se não descobrisse como todos os namoros, e a mãe de Anselmo não foi das ultimas pessoas a sabel-o.

Conhecia a boa Martha de que estofo era a filha do Morgado, e que não seria esta muito de molde para esposa de seu filho.

O seu Anselmo era um bom rapaz, tinha qualidades apreciaveis, e ella como mãe, não o considerava bem empregado mesmo na filha de um Morgado.

Ainda se fosse a Mathilde, a prima da filha do Morgado, essa perecia-lhe melhor moça, mais modesta, mais sinceramente amoravel, muito abelidosa e determinada, se ella era tudo em casa do Morgado seu tio.

Elle tinha-a tomado para casa, quando os paes morreram de febres malignas, e ella era ainda pequena. Tinha sido educada com Olinda, mas as lições aproveitaram-lhe mais que a sua prima, pela simples differença de posição que as duas occupavam na mesma casa. O mimo exaggerado com que Olinda era educada contrastava com uma demasiada secura que havia para Mathilde. Sempre era uma intrusa que a fatalidade da morte lhe fizera cair em casa, e a pobre criança reconhecendo que recebia uma esmola, comprehendendo a sua posição, não queria perder nada d'esse beneficio que lhe dispensavam, para que ao menos lhe não chamassem desagradecida.

E Mathilde não só tinha a agradecer a Deos a esmola que seu tio lhe fazia, mas tinha tambem que lhe agradecer junto com os dotes moraes que lhe dispensara, os dotes phisicos. Mathilde era formosa, de uma formosura suave e boa que, quando não inspira amor, inspira sympathia, amisade, e se esta é a ultima formola em que se converte o amor, mais seguro está este de acabar bem, quando no fundo do coração d'onde se exaure, ha um thesouro de affectos e de bondade para preencher aquelle vacuo.

*
* *

O tempo que ia fazendo crescer as arvores assombreando mais com os seus vastos ramos o pateo do sr. Morgado, que fizera engrinaldar de rosas a janella que deitava para a estrada, e onde em horas furtivas se falavam Anselmo e Olinda, fizeram tambem enraizar mais aquelle amor de aldeia, que tinha seus ares de amor da côrte, nas torturas que por pequenos nadas Olinda fazia passar Anselmo.

Uns caprichinhos nervosos que já tinham produzido seus ataques em forma, alvorotando todos de casa e pondo os paes de Olinda em grandes sustos e amarguras.

A mãe de Anselmo de tudo sabia e não occultava a seu filho o desgosto que tinha por lhe ver aquella inclinação. Antes a Mathilde, lhe observava ella — Com a Olinda nunca poderás ser feliz, meu filho.

E Anselmo, sem querer contrariar sua mãe, procurava vencer a repugnancia que a pobre velha mostrava pela sua namorada, fazendo-lhe crêr o quanto Olinda o amava e o quanto esperava ser feliz com ella.

O Morgado, por sua parte, já notára a filha a desproporção que havia entre ella e Anselmo, tanto pela nobreza como pela riqueza, e isto não deixou de influir um pouco no espirito da orgulhosa menina.

Se Anselmo fosse ao menos rico, tão rico como ella, os dois juntos poderiam ostentar grande opulencia, iriam á capital gosar, divertirem-se, mostrar as suas galas, entabolar relações com a alta sociedade, quem sabe até se deixar a aldeia de vez e ir viver na côrte.

Era de ponderar tudo isto e Olinda não se conteve que não o dissesse a Anselmo.

O pobre rapaz deslumbrado no primeiro momento, pensou mais a frio n'aquelles projectos de Olinda, e achou-os demasiado ambiciosos para quem até a'i vivera na simplicidade modesta e relutiva da vida da aldeia.

Mas tudo aquillo é amor, pensou elle, e effectivamente, se eu fôra rico, melhor gosaria o mundo.

E sobre estas impressões Anselmo recolheu uma noite a casa pouco depois das oito horas, bastante preoccupado com os planos de Olinda.

Encontrou sua mãe a queixar-se; sentia uma pontada que lhe atravessava o lado esquerdo, não a deixando respirar. Já lhe applicára um sinapismo, bebera um chá de erva cidreira, mas não lhe passára.

No dia seguinte foi-se chamar o medico a duas legoas distante, e quando pela tarde veio, mandou deitar causticos na doente e tomar umas pilulas, dizendo a Anselmo á sahida, que muito assustado e cuidoso o interrogava:

— A doente está perigosa e os setenta e cinco annos que tem são má ajuda para a cura.

Anselmo ficou aterrado com a idéa de perder sua mãe, que elle tanto estremecia, e não abandonando um momento a cabeceira da enferma, constituiu-se seu enfermeiro desvellado.

N'aquellas horas angustiosas Anselmo esquecera tudo para só cuidar de sua mãe, e nem os aureos projectos de Olinda o faziam pensar mais na sua namorada.

Outro tanto, porém, não acontecia á pobre Martha, que sentindo proxima a morte, cada vez mais se preoccupava com o futuro de Anselmo, de seu filho, que ella ia deixar só no mundo.

— Anselmo, lhe disse ella, eu sei que em breve vou partir para a ultima jornada, e que tu ficarás sem mim, sem este conforto e carinho maternal, que é a maior riqueza que uma mãe póde dar a seu filho. Sei o quanto me queres, e pelo teu amor podes avaliar o quanto eu te quero tambem, e por isso é para mim bem dolorosa esta separação; mas, para que eu vá mais tranquilla, has de prometter-me uma coisa...

— Prometto tudo que minha querida mãe quizer, respondeu Anselmo, mal podendo suster os soluços que lhe embargavam a voz.

—Tu vês aquella meada de linha que está ali pendurada? E apontou a custo para a parede do quarto.

—Vejo, minha mãe.

— Pois bem, fui eu que a fiei, mas ficou mal ensarilhada, e não será facil dobal-a, apesar de eu ter dobado muitas assim, e Martha parou de fallar suffocada pela tosse; depois proseguiu: tenho reservado aquella meada para ti, e pódes crêr que não é a somenos herança que te deixo...

— Minha mãe! exclamou Anselmo.

—Deixa-me concluir, meu filho; tu disseste-me que farias tudo quanto eu te pedisse e então jurame que só casarás com a mulher que te dubar aquella meada sem lhe cortar a linha. Bem vês que é pouco o que te peço para morrer tranquilla.

—Juro, minha mãe, disse Anselmo com solemnidade, sem perceber muito bem aquelle caprichoso pedido, e affagando com ternura os cabellos brancos da enferma, depositou-lhe um beijo na testa banhada de suor friu.

— Agora morro mais satisfeita, porque sei que não faltarás ao juramento que fizeste, e, sem poder continuar, deixou tombar a cabeça sobre as almofadas, e poucas horas depois expirava o ultimo alento de vida.

Anselmo estava completamente orphão.

*Caetano Alberto.*

(Conclue)

## REVISTA POLITICA

Já cá temos ministerio novo, o que não quer precisamente dizer que tenhamos governo, porque emfim ministerios tem havido muitos, mas governo é coisa que ha muito tempo não ha, e para provar esta asserção basta deitarmos os olhos para a administração publica, em todos os seus variados ramos, e vermos a que ponto de relaxação, de abandono e de criminosa incuria até, tudo tem chegado, reduzindo o paiz ás tristes condições em que se encontra para vergonha de nós todos.

Temos novo ministerio devido aos esforços do sr. João Chrysostomo, que durante mais de uma semana andou de porta em porta em busca de ministros, chegando a desanimar e a querer depôr nas regias mãos o encargo que d'ellas tomara, o que se não se chegou a realisar foi porque as mesmas re-

gias mãos se escusaram a acceitar a desistencia do velho general.

Voltou de novo á carga o sr. João Chrysostomo e d'esta vez dicidido a formar gabinete de toda a maneira, mais ou menos viavel, mais ou menos resistente, mas que emfim puzesse ponto e virgula na crise se não lhe podesse por ponto final.

Vinte e sete dias á procura d'um governo era quasi a morte das instituições coitadinhas, que estão muito enfermissas é verdade, mas que ainda não querem ir d'esta com aquelle direito natural e apego que todos tem á vida.

Felizmente para ellas, ainda appareceu d'esta vez quem lhe accudisse, e o sr. general João Chrysestomo de Abreu e Sousa poude apresentar-se no parlamento no dia 15 do corrente com o ministerio por elle organisado, um ministerio que se diz composto de elementos extra partidarios, o mais fóra da politica facciosa que se poude arranjar.

Assim encontramos no novo ministerio, a principiar pelo presidente do conselho, um progressista antigo que esteve para ser chefe do partido, mas que actualmente dizem que é presidente d'uma liga patriotica ou novo partido politico em que se acham filiados alguns politicos dissidentes dos partidos militantes, e mais alguns patriotas; o sr. Thomaz Ribeiro, antigo regenerador que, pela morte de Fontes Pereira de Mello, se agastou com os seus correligionarios e quiz fazer causa á parte, d'onde se gerou o *porto franco* criança muito enfezadinha, que mal faz o seu tem-tem, mas que na presente conjectura é pena que não esteja mais robusta; o sr. Mello Gouveia um antigo avilista, que tambem foi cabralista, mas que nunca desmanchou prazeres, nem agora; em que tantos se fizeram de manto de seda para acceitarem uma pasta; o sr. Barbosa du Bocage um regenerador benevolo, sem sêr esturrado, mas que em todo o caso não entrou para o novo gabinete sem consultar o chefe do partido, no que só temos a apreciar a correcção do seu proceder; sr. Antonio Candido tambem progressista um tanto dissidente que se recolhera á casa ha dois annos indignado com aquelle caso da *outra metade* o que augmentou em volta da sua personalidade o respeito que o seu caracter já inspirava mesmo antes d'este acto, é uma esperança para o novo gabinete; o sr. Antonio Ennes tambem progressista não muito de accordo com o chefe do seu partido, que não o contemplou com uma pasta no ultimo ministerio que organisou, e que tambem é uma esperança no actual governo; e o sr. Dr. Antonio Maria de Sá Brandão um jurisconsulto partidario de Costa Cabral mas que ha muitos annos vive afastado da politica, o que justamente mais influiu para ser convidado a acceitar, a pasta da justiça visto tratar-se de organisar ministerio o mais fóra possivel da politica militante.

Mas se a attitude dos partidos impunha a necessidade de organisar um governo o menos partidario possivel composto de homens o mais affastados possivel da lucta activa da politica com todas as suas ambições e mal crenças, é certo tambem que a gravidade do momento historico que atravessamos, tambem impõe um governo forte, composto de homens experimentados, dos que melhores provas tenham dado da sua capacidade governativa, e parece-nos que no actual ministerio não se reunem essas qualidades, porque os membros que o compõem, uns são naturalmente fracos peia idade e nunca foram fortes por seus actos administrativos e outros são novos, inexperientes para arcarem com as difficuldades da administração nas actuaes circumstancias.

Esta verdade todos a reconhecem e se o actual governo veiu salvar a corôa dos apuros em que se viu, não se conclue d'isto que elle venha salvar o paiz das difficuldades em que se encontra.

Essas difficuldades cada dia vão sendo maiores. As finanças e a questão ingleza são os dois pontos capitaes a resolver n'este momento, sem fallarmos d'outras questões que se vão approximando cada vez mais, como a do caminho de ferro de Lourenço Marques, a crise alimenticia que principia pelo pão, e a não menos assustadora crise do trabalho consequencia necessaria da crise financeira.

Não é de invejar a crise porque o paiz está passando e muito menos de invejar é o ter de o governar n'estas condições, muito principalmente se os politicos principiarem a levantar-lhe mais difficuldades ainda.

A questão ingleza toma uma feição abertamente hostil, porque os inglezes na sua faina de negocio não estão para aturar massadores, e apesar do tratado anglo-luso não ter ainda sido approvado, elles nada se importam com isso, vão procedendo independente da approvação, tratando de occuparem o que podem em Africa, mettendo já pelo Zambeze material de guerra para o que der e vier, zombando dos protestos das auctoridades portuguezas.

E lembrar-se a gente que, no meio d'estas graves questões, vem o sr. José Luciano de Castro questionar com o sr. Martens Ferrão, se um tostão será ou não cinco vintens!

*João Verdades.*

## RESENHA NOTICIOSA

Esquadra Austriaca no Tejo. — Esteve estes ultimos dias no porto de Lisboa uma esquadra austriaca composta de dois couraçados, um cruzador e um torpedeiro, magnificos navios de que podémos obter a seguinte noticia.

Couraçado *Principe Rodolpho*. Foi lançado á agua em 1887. E' de aço, tem 6:900 toneladas e a marcha de 14 milhas. A sua couraça é de 30 centimetros de espessura. E' armado com 3 peças Krupp de 30,5 cm., 6 de 12, cm., 11 metralhadoras e 2 tubos de torpedos. E' commandada por G. Budl e tem de guarnição 491 praças.

Couraçado *Princeza Imperial Stephania*. Foi lançado ao mar em 1887, é de 5:150 toneladas e deita 17 milhas de marcha. A couraça é de 20 cm. e é armado com 2 peças Krupp de 30 cm., 6 de 15 cm., 11 metralhadoras e 2 tubos de torpedos.

TORPEDO WITEHEAD

Cruzador protegido *Francisco José*. E' de aço, tem 4:000 toneladas, lança 19 milhas de marcha e é armado com 2 peças Krupp de 24 cm., 6 de 15 cm. e 11 de tiro rapido. E' seu commandante H. Steffen e tem de guarnição 414 praças.

Torpedeiro crusador *Tiger*. E' de aço, tem 1:675 toneladas, lança 18 milhas de marcha e é armado com 4 peças de 12 cm., 10 metralhadoras e 4 de lançar torpedos. Tem de guarnição 201 praças e é seu capitão B. Brosch.

São estes os mais bellos navios da esquadra austriaca, especialisando o crusador *Francisco José*, que é no genero o melhor barco que ha nas marinhas europêas.

Esta esquadra segue a viagem da imperatriz d'Austria que anda viajando sob o mais rigoroso incognito no seu barco de recreio.

Anniversario da morte de El-Rei D. Luiz. — Fez antes d'hontem um anno que falleceu na cidadella de Cascaes, El Rei D. Luiz I, cognominado o *Popular*. Para commemorar este triste anniversario, celebraram-se hontem na Sé de Lisboa, solemnes exequias a que assistiu toda a familia real, o ministerio, corpo diplomatico, funccionarios civis e militares, titulares, etc.

No cruzeiro da egreja foi levantada uma éca ricamente armada em que se lia esta inscripção: *Ludovicos I.— Portug. et Algarb. Rex.*, e ao lado da éça duas tribunas para convidados em que tomou logar o corpo diplomatico na da direita, e as camaras e altos funccionarios na da esquerda.

A côrte e o ministerio occupavam a capella-mór, onde a familia real assistiu aos officios, em uma tribuna armada para esse fim.

No corpo da egreja viam se os alumnos da Real Casa Pia, os Bombeiros Voluntarios d'Ajuda e contingentes de varios corpos da guarnição e da armada.

Toda a decoração do templo, que era riquissima, foi dirigida pelo sr. Parente, architecto das obras publicas.

Fóra da egreja fazia a guarda de honra o regimento de caçadores n.º 5.

Os officios funebres levaram cerca de duas horas. Officiou o sr. Cardeal Patriarcha, e as absolvições foram feitas por quatro dignidades da Sé. A missa que se cantou foi a de Mozart, e o *Libera-mé* de Jordani.

Duas baterias de artilheria deram as salvas do estylo no Terreiro do Paço, e no Tejo salvaram os navois de guerra portuguezes, acompanhando estas salvas os dois couraçados italianos e a fragata hollandeza *Koningin Emma der Nerderlanden*, que se acham no porto de Lisboa.

Exposição de Bellas-Artes em Barcelona. — Realisa se no proximo anno de 1891, em Barcelona, uma exposição d'arte a que podem concorrer artistas estrangeiros. Uma commissão especial procederá ao exame nas obras que pertenderem ser admittidas a esta exposição, e cada auctor não poderá apresentar mais que seis obras, as quaes poderão constar de pintura, esculptura, architectura e artes reproductivas, não sendo admittidas obras posthomas salvo em caso especial em que haja conveniencia de expôr.

A municipalidade de Barcelona, que dispõe 50 000 pesetas annuaes no seu orçamento para enriquecer os seus museus, adquirirá as obras que um jury especial lhe indicar, para esse fim.

Uma cantora portugueza. — Registamos aqui com muito prazer uma noticia que recebemos de Padua, extremamente lisongeira para a nossa compatriota D. Judice da Costa, que se acha escripturada na opera d'aquella cidade.

A cantora portugueza alcançou um triumpho no desempenho da *Norma* sendo extraordinariamente applaudida.

A mesma noticia diz que vieram de Milhão assistir ao debute alguns emprezarios de theatros lyricos attrahidos pela noticia da estreia de uma cantora nova, o que é sempre um acontecimento no mundo lyrico.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Contra a Inglaterra** *carta patriotica* por Antonio Joaquim Carvalho, Junior, socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, Lisboa, 1890. Um folheto de 16 pag.as in 8.º que contem a resposta que o auctor dá a uma carta de um official hespanhol seu amigo, que offerece a sua espada para combater contra os inglezes.

**O Monte das Flores**, *propriedade do digno par do reino o ex.mo sr. Francisco Simões Margiochi, descripção abreviada da sua capacidade e importancia agricula e pecuaria*, por Antonio Joaquim Carvalho Junior Opusculo de 16 pag.as in-8.º, dedicado pelo auctor ao ex.mo sr. Francisco Simões Margiochi, desvelado defensor da agricultura nacional, que tem feito das suas proprie lades agriculas verdadeiros modelos, onde o agricultor portuguez tem muito a aprender e estudar.



*Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª*
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43